

chineses estão ameaçando vendê-los, se são fortemente pressionados a desvalorizar sua própria moeda para brevar o ritmo expansivo de exportações. Por sua vez, se eles venderem esses títulos, o dólar vai sofrer uma desvalorização muito mais violenta ainda e isso também vai repercutir sobre a China. É o quadro típico de "se ficar o bicho pega, se correr o bicho come".

P- As duas economias estão interdependentes?

R- Atualmente, o fluxo comercial e financeiro entre os Estados Unidos e a China é o eixo de sustentação da economia mundial. Então, a crise imobiliária, a crise que se manifesta como crise imobiliária vai se manifestar em toda a economia mundial, e vai afetar a economia brasileira, porque se provocar, como vai provocar de um modo ou outro, uma recessão mundial, evidentemente que os mercados de exportação para o Brasil vão se fechar; os saldos de exportação brasileiros vão diminuir. A única maneira, nesse momento, de enfrentar essa diminuição dos saldos comerciais, vai ser provocar uma desvalorização do real para aumentar o saldo de exportação e poder cumprir com os compromissos externos e com o superávit primário; enfim, vai toda uma corrente porque essa desvalorização vai provocar um encarecimento das exportações, um encarecimento dos produtos internos, maior ajuste, maior austeridade, maior carestia da vida dentro do Brasil vai provocar abalos em toda a economia brasileira.

P- Como o senhor analisa o contexto da América do Sul, por exemplo, na Venezuela, recentemente, o presidente Hugo Chávez teve uma derrota na questão do referendo; e, na Bolívia, o presidente Evo Morales tem enfrentado dificuldades na questão das mudanças constitucionais. Como o senhor qualifica esses cenários?

R- Veja bem, Evo Morales e Hugo Chávez são duas linhas alternativas desse movimento da crise latino-americana diversas de Lula, Michele Bachelet no Chile, etc. As mudanças que estão acontecendo na América Latina são muito fortes. No Chile, a paz social que é a 'concertação', encabeçada pelo Partido Socialista, acabou na luta dos estudantes e, agora, se redobrou na luta dos setores mineiros e metalúrgicos. No Chile, a paz social acabou. É o Chile, provavelmente, quem vai reservar a surpresa maior no contexto latino-americano no ano de 2008. A radicalização política no Chile está muito forte, e a situação é muito grave na Bolívia, porque o que está em andamento na Bolívia na verdade é um golpe de estado para derrubar Evo Morales por parte da direita, ou para inutilizar o seu governo através da autonomia de certas regiões, o que deixaria o governo boliviano como um governo praticamente sem poderes. Na Venezuela, Chávez tem uma margem de manobra bem maior, porque tem um elemento de barganha com os Estados Unidos, que é a produção petrolífera. A proposta de Chávez será uma proposta de



nacionalismo fiscal limitado, e uma proposta de reforma social e principalmente de redistribuição de renda, mas, feitas tomando o cuidado de impedir qualquer mobilização independente dos setores operários e camponeses, que atacasse diretamente o capitalismo. Chávez estava com essa proposta de partido único da revolução venezuelana, Partido Socialista Unificado, com reeleição indefinida. E, uma parte da própria classe chavista votou contra isso, porque viu que era uma proposta que atava a independência dos trabalhadores, a independência das organizações operárias, camponesas e populares, por isso votou contra. O projeto socialista está em crise neste momento.

P- Em relação à Argentina, professor Coggiola, o que se pode esperar do governo da ex-senadora e primeira-dama Cristina Kirchner?

R- A questão da inflação é o problema mais grave. Os índices estavam maquiados, e a inflação argentina está em torno de 22% a 25%, quando oficialmente marca 8%. Então, vai haver um crescimento da luta salarial muito forte na Argentina. O governo está sob fogo cruzado. Por outro lado, a vocação do governo de Kirchner é de se alinhar mais claramente com os Estados Unidos. Um exemplo, a Argentina participa das tropas que ocupam o Haiti. A Venezuela não participa.

P- Até que ponto o senhor acha importante, no elemento conjuntural, esse aparente alinhamento, se o senhor avalia dessa forma, por exemplo, quando Lula defende Chávez, Chávez

defende Lula, Kirchner defende Chávez e Evo Morales. Enfim, até que ponto isso é importante no contexto de América do Sul?

R- Kirchner e Lula gostariam de enterrar Chávez, isto está claro. Enterrá-lo cem metros abaixo da terra. Mas, no público tem que defendê-lo porque fazem política. Não há nenhuma política em defesa, por parte de Lula, a um processo revolucionário na Venezuela, muito menos por parte de Kirchner. Lula usa Chávez como elemento de barganha com os Estados Unidos. Ele segurou a situação boliviana já um par de vezes, especialmente, logo depois que assumiu o governo, Lula foi articulador da chamada Frente de países amigos da Venezuela, que cessou as perspectivas de uma guerra civil com grandes chances, digamos assim, de um movimento popular derrotar a direita na Venezuela. Desativou a bomba venezuelana, desativou a bomba boliviana e com isso, conquista seu papel de intermediário privilegiado dos Estados Unidos na América do Sul. Um jogo político. Dizer que Lula defende a Venezuela frente aos Estados Unidos não, francamente não, não tem nenhum fundamento.

P- Mas, do ponto de vista prático, por exemplo, naquele episódio quando Evo Morales assume e ocupa as empresas da Petrobrás havia uma pressão da direita, dos setores conservadores para que Lula tomasse uma medida mais radical...

R- E qual era a medida mais radical? Invadir a Bolívia? Bom, suponhamos que invadissem a Bolívia, sabe o que ia acontecer?

P- Pelo menos do ponto de vista retórico, Lula em nenhum momento...

R- A direita fez um jogo político. A direita fez a mesma coisa que Lula faz, demagogia. "Tem que chutar o pau da barraca". Chutar o pau da barraca é o quê? Invadir a Bolívia como pediu algum doido? Tudo bem, vai invadir a Bolívia. Vai voltar todo mundo em sacos de plástico. Combater a quatro mil metros de altura o exército boliviano? Quero ver. As unidades, mal armadas e mal equipadas do exército brasileiro, invadindo a Bolívia iriam apanhar como nunca se viu. Não tem nenhum sentido, é absurdo. O que tinham que fazer é um jogo político, que fizeram. Foi uma pressão política que acabou derrubando o ministro de Hidrocarbonetos boliviano, que foi autor do decreto de nacionalização, com uma negociação que foi articulada por setores do PT e o vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Lineira. A negociação foi feita no Rio de Janeiro, e finalmente chegaram num acordo e a Petrobrás continua lá, e vai continuar em dois times.

P- Professor Coggiola, o presidente Lula vem, conforme as pesquisas de opinião, em um patamar elevado de simpatia da opinião pública. Entretanto, um elemento colocado na conjuntura é a derrota da CPMF. Até que ponto, na sua avaliação, essa questão pode afetar o futuro do governo, junto com outras questões, como o aumento da inflação?

R- Pode afetar na medida em que há uma reação popular. Se não há reação popular não vai afetar grande coisa. O que não significa que o candidato de Lula vai vencer as próximas eleições. Depende de que candidato seja. Mas, o mensalão foi muito mais grave que a questão da CPMF e não derrubou Lula. O equilíbrio político de Lula não está comprometido pelo episódio da CPMF, nem nenhuma das coisas que estão acontecendo. Se houver uma reação popular contra, não em defesa da CPMF, porque em defesa da CPMF ninguém vai fazer nenhuma manifestação, ao contrário, todo mundo está contente com a queda da CPMF. Isso não vai alterar o equilíbrio político do governo Lula, agora as consequências da crise mundial unidas a uma reação popular, isso sim alteraria. Mas a consequência da crise mundial está se fazendo sentir aos poucos e não há uma grande reação popular.

P- Qual é a sua avaliação para o futuro de Cuba sem Fidel?

R- O Exército ocupando um espaço político cada vez maior e tentando realizar uma política estilo chinês, ou seja, de admissão controlada de capitais estrangeiros, com um papel cada vez maior dessa instituição. Raúl Castro já posicionou seus homens nos setores-chaves da administração. Um governo de natureza cada vez mais 'bonapartista' e onde o exército assume um papel fundamental e as instituições ditas democráticas assumam um papel cada vez mais secundário. Já as instituições democráticas não são democráticas em Cuba.